

Aquisição de relativas e Economia
Acquisition of Relativization and Economy

Adriana Stella C. LESSA-DE-OLIVEIRA*
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (BRASIL)

RESUMO

Este estudo focaliza a aquisição das estratégias relativas em português brasileiro (PB), com base em *corpora* naturalísticos-longitudinais investigados por Lessa-de-Oliveira (2008). Assumindo a noção Economia de Hornstein (2007) para movimento, proponho que a relativa padrão é adquirida antes da não-padrão, no caso das relativas não-preposicionais, porque esta é a opção mais econômica. E, com base na noção de Economia de Roeper (2003) e nas propostas de Kato (1993) e Kato e Nunes (2009) para as estruturas de relativas não-padrão em PB, argumento que a dificuldade na aquisição das relativas com *pied-piping* se deve a uma complexidade inerente à operação de *pied-piping*.

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição da Linguagem. Economia (Sintaxe). Relativas Apositivas. Relativas Não-Padrão. Relativas Restritivas.

Sobre as autoras ver página 108.

ABSTRACT

This study focuses on the acquisition of relativization strategies in Brazilian Portuguese (BP), based on corpora investigated by Lessa-de-Oliveira (2008). Assuming Hornstein's (2007) Economy notion to movement, I propose that the standard relativization strategy is acquired before the non-standard strategy in the case of the non-prepositional relatives because it relies on the more economical option. Moreover, using Roeper's (2003) Economy notion and Kato's (1993) and Kato and Nunes's (2009) proposal to structures of non-standard relatives in BP, I argue that the difficulty in the acquisition of pied-piping relatives is due to the inherent complexity of the pied-piping operation.

KEYWORDS

Language Acquisition. Economy (Syntax). Appositive Relatives. Non-Standard Relative. Restrictive Relatives.

1 Introdução

Neste artigo, discuto a questão da aquisição de sentenças relativas em português brasileiro (PB) considerando as implicações de haver três estratégias de relativização nessa língua: a) a relativa padrão, exemplo (1a); b) e duas estratégias não-padrão, a relativa resumptiva, exemplo (1b), e a relativa cortadora, exemplo (1c)¹.

- (1) a. a pessoa de quem [_{IP} eu gosto **t**]
 b. a pessoa que [_{IP} eu gosto **dela**]
 c. a pessoa que [_{IP} eu gosto **pro**]

As propostas para a estrutura dessas duas estratégias diferem em relação a vários aspectos (ver TARALLO, 1983; KATO; 1993; KENEDY, 2002; KATO; NUNES, 2009). Mas, buscando o que há de comum nas análises, podemos definir, de maneira geral, a estratégia padrão como a que se caracteriza pelo movimento do termo relativizado, extraído de uma posição interna a IP, encontrando-se, nessa posição, um vestígio de

¹ Segundo Tarallo (1983) um processo de mudança no sistema de relativização no PB fez surgir a estratégia cortadora na segunda metade do século XIX. E a origem da relativa cortadora em PB decorreria do surgimento de categorias vazias em posição de objeto nessa língua.

movimento, representado por **t** (da palavra inglesa *trace*)². Em contraste, a estratégia não-padrão se caracteriza como a que não apresenta um vestígio de movimento dentro de IP, porque nesta o item relativizado não é açado de uma posição interna a esse nóculo. Por isso, em vez do vestígio **t**, encontramos na posição interna a IP ou um pronome resumptivo realizado foneticamente ou uma categoria vazia (**pro**) (ver KATO, 1991; CYRINO, 1993; GALVES, 1989; FERREIRA, 2000).

A primeira situação problemática com a qual nos deparamos no tocante à aquisição de relativas em PB diz respeito às relativas não-preposicionais. Conforme já atestado em alguns estudos (ver GROLLA, 2000, PERRONI, 2001 e LESSA-DE-OLIVEIRA, 2008), essas são as primeiras relativas a surgir na fala infantil. Entretanto, a estrutura superficial dessas relativas não apresenta pistas de qual seria sua estrutura subjacente. Em (2), por exemplo, não há indicativos de que a categoria vazia seja um **t** ou um **pro**. Nesse caso, o que a criança está adquirindo: a estratégia padrão ou a não-padrão?

(2) um amigo que [_{IP} eu chamei Ø] pra jantar com a gente

Em relação às relativas preposicionais (relativas-PP), observa-se, não apenas em PB (também em italiano, francês, inglês), que a aquisição da estratégia padrão (que exige *pied-piping* da preposição³) mostra-se bastante tardia (ver CORRÊA, 1998; LABELLE, 1990; GUASTI e CARDINALETTI, 2003). Por que isto ocorre?

Discuto essas questões neste artigo, apresentando uma hipótese para a aquisição da relativização em PB, como base em dados de fala de três crianças dos 1;6 (um ano e seis meses) a 3;6 (três anos e seis meses de idade). Apresento inicialmente uma rápida discussão a respeito das estruturas das sentenças relativas nessa língua. Discuto em seguida, como base em observações empíricas, algumas hipóteses para aquisição de relativas em PB e também em italiano, francês e inglês. Por

² Assim, trataremos a expressão *estratégia (ou relativa) de movimento* como sinônimo da expressão *estratégia (ou relativa) padrão*.

³ Alçamento da preposição juntamente com o item relativizado, como em (i).

(i) a pessoa com quem eu falei ontem.

fim apresento a hipótese de explicação do fenômeno de aquisição de relativas deste estudo.

2 A estrutura das relativas em PB no contexto de S_0 a S_s

Assumo, neste estudo, a proposta de Kato e Nunes (2009), que propõem uma análise por alçamento para as relativas não-padrão em PB, associando a hipótese de Kato (1993)⁴ à estrutura $[D^0 CP]$ proposta por Kayne (1994) para as relativas⁵. Os autores assumem que todas as relativas restritivas em português brasileiro apresentam um determinante *que* relativo (homófono ao complementizador declarativo) em lugar de um complementizador, conforme o sistema Kayne (1994) para as relativas-wh.

Assim, de acordo com Kato e Nunes (2009), um DP encabeçado pelo determinante relativo pode ser gerado na posição LD. Depois de concatenado na posição de LD, esse DP é alçado e adjungido a CP e seu

⁴ Kato (1993) propõe que há nas três estratégias – padrão, resumptiva e cortadora – ligação do operador relativo-wh a uma posição vazia variável na sentença. Assim, a autora postula que: a) nas três estratégias, o item lexical *que* é um pronome relativo, extraído de uma posição não-canônica; b) a posição da variável presa a este pronome é de deslocamento à esquerda (*Left Dislocation* = LD), gerado na base, nas estratégias resumptiva e cortadora; e c) o pronome resumptivo é co-referente à variável em LD. Dessa maneira, na relativa padrão em (i) a relativização opera diretamente sobre o objeto do verbo, enquanto na relativa não-padrão resumptiva em (ii) o que é relativizado é o DP na posição de LD.

(i) A moça $_{CP}$ com quem $_{CP}$ eu falei $_{PP}$ t $_{i}$ ontem).

(ii) A moça $_{CP}$ que, $_{(LD)}$ t $_{i}$ (eu falei com ela $_{i}$) ontem. (KATO, 1993, p.227)

⁵ Com Kayne (1994) é retomado um tipo de análise em que se concebe que o sintagma alvo da relativização é um constituinte alçado do CP relativo (ver VERGNAUD, 1974). De acordo com o modelo proposto por ele, conhecido como *raising analysis* (análise por alçamento), os DPs podem selecionar como seu complemento um CP. Para o autor, a estrutura da relativa seria $[_{DP} D^0 CP]$, a única compatível com o LCA (*Axioma de Correspondência Linear*). Assim, de acordo com essa proposta, os três tipos de relativas do inglês são derivados a partir do alçamento para o domínio de checagem de C de: a) um NP nas relativas-*that*; b) um DP nas relativas-wh; ou c) um PP nas relativas *pied-piping* (cf. estruturas em (ib), (iib) e (iiib), respectivamente). No caso das relativas-wh e das relativas com *pied-piping*, há previsão de mais alçamento: o NP incluído no DP movido é alçado para o SpecDP, na caso das relativas-wh; e, no caso das relativas com *pied-piping*, esse NP é alçado para o SpecPP, via Spec do DP-wh, provavelmente, segundo o autor.

(i) Relativas-*that*:

a. The picture that Bill saw.

b. $[_{DP}$ the $_{CP}$ picture $_{i}$ [$_{C}$ that $[_{IP}$ Bill saw t $_{i}$]]]

(ii) Relativas-wh:

a. The picture which Bill saw.

b. $[_{DP}$ the $_{CP}$ $[_{DP}$ picture $_{i}$ [$_{IP}$ which t $_{i}$]] $_{i}$ [$_{C^0}$ $[_{IP}$ Bill saw t $_{i}$]]]

(iii) Relativas *pied-piping*:

a. The hammer with which Bill broke it.

b. $[_{DP}$ the $_{CP}$ $[_{PP}$ hammer $_{i}$ [$_{IP}$ which $[_{DP}$ (t) which t $_{i}$]]] [$_{C^0}$ $[_{IP}$ he broke it e $_{i}$]]]

(adaptado de KAYNE 1994, p. 87-89)

complemento alçado e adjungido a DP. Sob esta análise, as derivações de relativas padrão e não-padrão são como se exemplificam em (3), (4) e (5):

(3) *Relativas padrão:*

- a. [aquela [_{CP} [_{DP} pessoa_i [_{DP} que t_i]]_k [_{CP} C [_{IP} t_k comprou o livro]]]]
- b. [o [_{CP} [_{DP} livro_i [_{DP} que t_i]]_k [_{CP} C [_{IP} aquela pessoa comprou t_k]]]]
- c. [o [_{CP} [_{IP} livro_i [_{IP} de [_{DP} t_i [_{DP} que t_i]]]]_k [_{CP} C [_{IP} você precisa t_k]]]]

(4) *Relativas não-padrão com resumptivo foneticamente realizado:*

- a. Eu tenho [uma [_{CP} [_{DP} amiga_i [_{DP} que t_i]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} ela_i é muito engraçada]]]]]]
- b. Este é [o [_{CP} [_{DP} livro_i [_{DP} que t_i]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} o João sempre cita ele_k]]]]]]
- c. Este é [o [_{CP} [_{DP} livro_i [_{DP} que t_i]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} você vai precisar dele_k amanhã]]]]]]

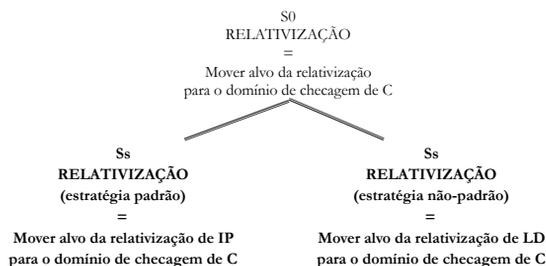
(5) *Relativas não-padrão com resumptivo nulo:*

- a. Este é [o [_{CP} [_{DP} livro_i [_{DP} que t_i]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*_k]]]]]]
- b. Este é [o [_{CP} [_{DP} livro_i [_{DP} que t_i]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} você estava precisando *pro*_k]]]]]]

(KATO; NUNES, 2009, p. 18)

Ao assumir essa proposta posso delinear o problema em foco neste estudo, representando-o pelo esquema abaixo, que mostra que, na aplicação do pressuposto inatista de que o ponto inicial da aquisição é o S_0 (a GU) e o ponto final o S_s (a L-I)⁶, existem duas possibilidades de S_s para a relativização em PB: a estratégia padrão e a estratégia não-padrão. A questão é saber o que leva a criança a uma e à outra.

⁶ A Língua-I (L-I) é compreendida, dentro do quadro teórico gerativista, como o conhecimento lingüístico existente na mente de quem conhece uma língua particular, correspondendo ao estado a que se chega quando ocorre o processo de aquisição da linguagem. De acordo com Chomsky (1986), esse processo compreende pelo menos um estado inicial da faculdade da linguagem S_0 e um estado estável S_s .



3 Estudos anteriores a respeito da dificuldade com a aquisição de relativas *pied-piping*

A dificuldade com a aquisição de relativas com *pied-piping* é uma questão que vem chamando a atenção de pesquisadores já há certo tempo. Os estudos têm focalizado esse problema não só em PB, mas em várias outras línguas românicas, como o francês, o italiano, e também numa língua como o inglês, que apresenta no tocante às relativas uma característica não existente em línguas românicas — a *prepositional-stranding*⁷, o que mostra o caráter translingüístico dessa questão.

Os estudos a esse respeito têm recortado o problema acima de diferentes maneiras. Um dos primeiros recortes feitos procura abordar uma suposta inexistência da estratégia de movimento-wh na gramática infantil, atribuindo a dificuldade com a aquisição da relativa com *pied-piping* a essa inexistência. Essa hipótese foi defendida por Labelle (1990, 1996), para quem cláusulas relativas produzidas por crianças adquirindo o francês implicam simplesmente uma regra de co-indexação da cláusula relativa com um antecedente, sem movimento-wh. Tal hipótese foi, entretanto, veementemente contestada por Guasti e Shlonsky (1995) e Guasti e Cardinaletti (2003), os quais defendem que há movimento presente na gramática infantil.

⁷ Preposição órfã ou encalhada. Um tipo de estrutura comum a línguas como o inglês (cf. (i)).

(i) The boy that Mary talked to.
[O garoto que Mary falou com]

Guasti e Shlonsky (1995) e Guasti e Cardinaletti (2003) apresentaram outras hipóteses para explicar esse problema. Para os primeiros, a gramática infantil seria desprovida de *linking operators* (operadores co-indexados com o antecedente e a variável) por razões que envolvem maturação da Gramática Universal (GU). Em decorrência disso, até os 6;0 de idade, a criança só realizaria relativas não-padrão. Já para as últimas, o problema das crianças com a aquisição dessa estratégia está relacionado à ausência, na fala coloquial dos adultos, do material lexical empregado nessas relativas (morfemas relativos que ocorrem em relativas com *pied-piping*).

Com relação ao PB, a hipótese para a estrutura das relativas não-padrão de Kato (1993) aparece norteando todas as propostas para análise do fenômeno de aquisição de relativas discutidas aqui. Assim, Perroni (2001) defende a hipótese de que há, em PB, uma facilidade de aquisição das relativas não-padrão por terem estas uma estrutura próxima à das sentenças clivadas, pois uma e outra se originam de estruturas com constituintes deslocados à esquerda; Corrêa (1998) defende que, para a estratégia com *pied-piping*, o falante precisa passar da estratégia não-padrão, baseada na construção de LD, para a estratégia padrão; e Grolla (2000, 2005) defende a hipótese de que os fenômenos referentes à aquisição de relativas estariam relacionados a três estágios pelos quais a criança passaria ao adquirir a periferia esquerda da sentença, estando a aquisição da estratégia padrão no primeiro estágio e a aquisição das estratégias resumptiva e cortadora nos dois últimos estágios.⁸

E, em um estudo a respeito da aquisição de relativas em inglês, McDaniel, McKee e Bernstein (1998) procuram relacionar economia a complexidade derivacional, defendendo a hipótese de que a dificuldade que as crianças apresentam para adquirir relativas com *pied-piping* nessa língua se deve a certa complexidade medida pelo número de movimentos na derivação⁹.

⁸ Essa autora não trata propriamente do problema da aquisição tardia das relativas com *pied-piping* da preposição. O foco da atenção, nesse caso, é o surgimento das primeiras relativas não-preposicionais e relativas resumptivas e cortadoras.

⁹ A análise dessas autoras é contestada por Harada (2000), que apresenta dados de aquisição de relativas em japonês que não confirmam as conclusões de McDaniel *et al* (1998). Todavia a análise de Harada (2000) também não é satisfatória. Para ver discussão dessa questão ver Lessa-de-Oliveira (2008).

4 Testando as hipóteses acima

Discuto a seguir com base em *corpora* constituídos de dados de fala de três crianças (L. e E., dos 1;6 aos 2;6, e A.L., dos 1;6 aos 3;6 de idade), as principais questões levantadas pelos estudos acima mencionados: a) a questão da ausência/presença da estratégia de movimento na gramática infantil; b) a hipótese dos estágios de aquisição de relativas; e c) a hipótese da ausência de morfemas relativos específicos das relativas com *pied-piping*, no *input* oral.

4.1 A questão da ausência/presença da estratégia de movimento na gramática infantil

De acordo com LESSA-DE-OLIVEIRA (2008), o tipo relativa apositiva só ocorre em PB como estratégia padrão¹⁰. Assim, se verificamos a presença de relativas apositivas na fala infantil temos uma evidência clara de que a criança está apta a relativizar por estratégia de movimento. Isto é o que se pode verificar nos dados em análise. Ocorrências de relativas apositivas foram observadas na fala de duas das três crianças estudadas. Nos dados de L. as apositivas foram observadas a partir dos 2;3,27 e, nos dados de A.L., a partir dos 2;11.4 (cf. dados em (6)). Esse tipo de sentença apareceu nos *corpora* infantis numa frequência de 7,7%, frequência marginal semelhante ao que se verificou nos *corpora* dos adultos — 14,4%.

(6)

a. Cadê Simoni, *que fechô a porta?* (L., 2;3.27)

b. Adulto: Vai pegá quem?

L.: Você, *que tá peligosa.* (2; 4; 3)

c. Vai! Palabens/ palabens pa você! Palabenzi pra você/ pa Luiza, *que tá na cola!* (A.L., 2;11.4)

d. A.L.: Era uma vez/ aqui é a princesa?

Adulto: É a Branca de Neve.

¹⁰ Nesse estudo, demonstro empiricamente a impossibilidade de ocorrência de relativas não-padrão em contexto de relativização apositiva e explico tal fenômeno associando a hipótese de relativização por alçamento a partir da posição de LD, de Kato (1993) e Kato e Nunes (2009) à análise de Kayne (1994) para a estrutura das apositivas. Para compreensão ampla dessa proposta, ver Lessa-de-Oliveira (2008).

A.L.: A Branca de Neve, na casa dela vivia também Pintinho Amarelinho, *que cabe aqui na minha mão*, e aí a bruxa num come ... (3;6.11)

Uma vez que as relativas apositivas só ocorrem como estratégia padrão, a constatação de que as relativas apositivas surgem desde o início do processo de aquisição de relativas juntamente com as relativas restritivas e livres desfavorece, portanto, hipóteses como a de Labelle (1990; 1996), a qual considera que não haveria estratégia de movimento (estratégia padrão) na gramática infantil.

Essa constatação também desfavorece a hipótese de Perroni (2001), de acordo com a qual as relativas não-padrão seriam mais fáceis de adquirir que a padrão. Uma vez que a aquisição da estratégia padrão é constatada com a aquisição da relativa apositiva, podemos concluir que nada impede a criança de utilizar também essa estratégia para produzir as relativas restritivas e livres¹¹ de sujeito e objeto direto.

4.2 A questão de estágios na aquisição de relativas

Grolla (2000; 2005) prevê que a aquisição das relativas se dá em três estágios. No primeiro estágio, ocorreria apenas a estratégia de movimento, isto é, a relativa padrão. A aquisição de relativas não-padrão ocorreria num segundo estágio, pois, segundo a autora, a “aquisição dos pronomes resumptivos abertos (foneticamente realizados) depende apenas da identificação desses elementos no *input*” (GROLLA, 2005, p. 176). Por outro lado, conforme essa análise, “a aquisição de pronomes resumptivos nulos depende de uma análise detalhada de algumas estruturas presentes no PB adulto” (GROLLA, 2005, p. 176), pois ora a categoria vazia corresponde a um vestígio de movimento ora corresponde a um resumptivo nulo. Assim, baseada na idéia de que a criança precisa de mais tempo para identificar, no *input*, esses dois tipos de categorias vazias do que precisa para identificar o resumptivo realizado, a autora prevê que “a aquisição de pronomes resumptivos abertos precede a aquisição de pronomes resumptivos nulos” (GROLLA,

¹¹ As livres são sempre restritivas.

2005, p. 176).

A previsão dessa autora para o primeiro estágio é favorecida pela análise de Lessa-de-Oliveira (2008) de que a relativa apositiva ocorre apenas como estratégia padrão. Entretanto, os dados aqui investigados não confirmam a previsão para os dois últimos estágios, o de aquisição de relativas resumptivas (com resumptivos abertos) e o de aquisição de relativas cortadoras (com resumptivos nulos). Os dados aqui investigados mostram que, a partir dos 2;1.19, já foi possível observar nas amostras de fala de L. a presença de relativas cortadoras (cf. (7)), em contraste com um índice de zero ocorrências de relativas resumptivas nas amostras de fala dessa criança até os 2;6 de idade. No caso de A.L., entre as relativas-PP, que são o contexto mais explícito da alternância entre relativas resumptivas e relativas cortadoras, foram registradas apenas cortadoras (cf. exemplos em (8)), sem um só registro de relativa-PP resumptiva até os 3;6.¹²

(7)

a. L.: Ó binquedo aqui de Luana! Ó o binquedim meu aqui, posa!

Adulto: Quem é prosa, Luana?

L.: Binquedo aqui, posa! Ó qui negocinho dela *que ela que bincá*, mamãe! (2;1.19)

b. Adulto: Pra gente vê o passarinho?

L.: Ali *que tá um lindo banco!* (2; 4. 3)¹³

(8)

a. Essa é a futa *que mais gota.* (A.L., 3; 2.29)

b. Adulto: Que pracinha nós vamos?

A.L.: Na outra praça!

Adulto: Que outra praça?

A.L.: *Que você foi ontem!* (3;5.0)

Adulto: Han? Como é que é? Peraí! Fala pra tia! Que praça?

A.L.: A outra você foi comigo! (...) A praça *que a gente foi com a gente!* (3;5.0)

Considerando especificamente a aquisição de resumptivos

¹² Nas amostras de fala de E. não ocorreram relativas-PP nem relativas com resumptivas até os 2;6.

¹³ (Ali onde está um lindo banco.)

realizados, a previsão de Grolla (2000; 2005) é que, antes de apresentar resumptivo realizado em contexto de *alternância aparente* (como o das relativas não-preposicionais), a criança deve passar por um estágio em que ela emprega apenas resumptivo realizado em contexto *inequívoco de último recurso*, isto é, contextos “em que o pronome resumptivo aparece em posições a partir das quais movimento é ilícito, como complementos preposicionais e posições dentro de ilhas” (GROLLA, 2005, p. 177). Entretanto, todas as relativas resumptivas encontradas nos *corpora* aqui estudados (3 ocorrências ao todo) foram relativas de sujeito, como se verifica em (9) abaixo. Ou seja, as primeiras relativas resumptivas encontradas nesses *corpora* são relativas que ocorreram num contexto que Grolla (2000; 2005) classifica como de *alternância aparente*. De novo a previsão da autora não é confirmada no caso da aquisição de relativas resumptivas.

(9)

a. A.L.: Um pombo que vinha assim ó! Via molá!

Adulto: Ah! Que levantava a perna!

A.L.: Que *ele* botô a perna assim, ó! (3;0.10)

b. Tem o relógio que *ele* tem um nomes. (A.L., 3;1.10)

c. Era uma vez um coelhinho, ó tia Dida, que *ele* pula assim assim. Ó, tia Dida! (A. L., 3;3.12)

A análise que feita aqui para a não confirmação da previsão de Grolla (2000, 2005) para os dois últimos estágios de aquisição é a seguinte. A autora analisou a aquisição de resumptivos nulos e realizados dentro do contexto da periferia esquerda da sentença. Nesse contexto, de fato encontramos construções em que a criança fica diante de categorias vazias em que se pode ter ou um vestígio de movimento ou um *pro*. Esse seria o caso das estruturas de tópico-comentário, conforme citação da própria autora (cf. os exemplos repetidos em (10)).

(10)

a. Esse menino_p, eu vi t_i

b. Esse menino, eu vi *pro* ontem.

(GROLLA, 2005, p. 176-177)

Num cenário mais restrito, no âmbito das relativas-PP, a criança encontra (11a) e (11b).

- (11)
- a. o menino que eu gosto *dele*
 - b. o menino que eu gosto \emptyset

Nesse contexto, a categoria vazia em (11b) é inequivocamente um *pro*. Não existe, nesse caso, uma alternância aparente entre *pro* e *véstígio de movimento*, por causa da ausência de *pied-piping* preposicional. Assim, no momento em que a criança se mostrar apta a realizar uma relativa como (11a), ela será capaz de realizar uma relativa como (11b), porque ela já adquiriu a estratégia de relativização com base na construção de LD. Em outras palavras, da mesma forma que a criança pode identificar, na fala do adulto, (11a) como uma relativa com base na construção de LD, por meio da falta de *pied-piping* preposicional, ela pode também identificar (11b) como uma relativa com base em LD, pois, nessa relativa, também não há *pied-piping* preposicional.

Analisado o problema por esse ângulo, verificamos que não há por que prever que a aquisição de relativas-PP com resumptivo realizado ocorre num estágio anterior à aquisição de relativas-PP com resumptivo nulo (a cortadora). Dentro desse raciocínio, a criança pode adquirir os dois tipos ao mesmo tempo. Nesse caso, podemos analisar um outro aspecto — qual desses dois tipos de relativa-PP aparece de forma mais generalizada no *input*. Os *corpora* aqui investigados mostram que o que a criança encontra de forma generalizada na fala do adulto são relativas cortadoras (62,8%), que se alternam com relativas resumptivas de forma bem pouco frequente (13,9%). E as crianças investigadas produziram relativas-PP cortadoras na frequência de 77%, uma frequência próxima à frequência verificada na fala dos adultos.

4.3 A questão da ausência de morfemas relativos específicos de relativas com *pied-piping*, no *input* oral

A dificuldade com a relativa com *pied-piping* estaria relacionada,

segundo a análise de Guasti e Cadinaletti (2003), à ausência ou frequência muito baixa de pronomes relativos específicos de relativas com *pied-piping* na fala coloquial dos adultos. Avaliando essa hipótese frente aos *corpora* investigados neste estudo, podemos observar que tal situação também se verifica no PB adulto. Dos morfemas relativos empregados em relativas padrão em português — *o/a qual, cujo, quem, onde, como, que* — foram encontrados nas relativas com antecedente produzidas pelos adultos interlocutores das crianças em estudo apenas *que, quem* e *onde*. Os dados investigados mostram que a criança encontra na fala do adulto falante do PB, em maior frequência, relativas preposicionais introduzidas pelo morfema *que* (71,7%), em um tipo de construção que não apresenta *pied-piping* da preposição — a estratégia não-padrão resumptiva ou cortadora. As 33 relativas preposicionais com *que* produzidas pelos adultos interlocutores das crianças são todas relativas restritivas, das quais 27 são relativas cortadoras e 6 relativas resumptivas (cf. exemplos (12) e (13) respectivamente)¹⁴

(12)

- a. O outro cachorro *que você viu os dente*. (Interloc. de A.L.)
- b. É a letra *que começa o nome de!* (Interloc. de A.L.)
- c. Ah sim! A praça *que eu fui com você!* (Interloc. de A.L.)
- d. Nossa casa *que a gente morava*. (Interloc. de L.)
- e. Cadê a flanela *que você tá brincando?* (Interloc. de E.)
- f. Onde *que você botô seu copo?* Aquele *que tá bebendo?* (Interloc. de E.)

(13)

- a. É a calça *que você tem mania de andá vestida com ela!* (Interloc. de E.)
- b. Ah! Lá na terra do nunca tinha o pirata *que um jacaré comeu a mão dele*. (Interloc. de A.L.)
- c. Num é aquele peixe *que aquele dia você deu pipoca pra ele?* Amarelão? (Interloc. de A.L.)

¹⁴ Além dessas 6 relativas-PP foi encontrada apenas mais uma relativa com resumptivo realizado nas amostras de fala dos adultos interlocutores das crianças estudadas, a relativa de sujeito em (i)

(i) Interloc. de A.L.: Era uma vez uma moça *que ela vendia/*

A.L.: maçã!

- d. Olha pra cê vê! É o peixe que cê deu pipoca *pra ele?* (Interloc. de A.L.)
 e. A.L.: Achei aquele pombo! Eu vô jogá lá!
 Interloc. de A.L.: Aquele pombo que você vai jogá *nelé?*
 f. Cadê o apontadô que mamãe tava *com ele* na mão, filha? (Interloc. de A.L.)

O morfema relativo *quem* apareceu uma única vez em relativas com antecedente. Trata-se de uma relativa apositiva, que foi produzida como leitura em voz alta (cf. (14) abaixo). Esse dado não deixa de fazer parte do *input*, uma vez que essa leitura foi feita para a criança e leitura de histórias para A.L. fazia parte do hábito de alguns adultos que conviviam com essa criança.

- (14) Um senhor viúvo tinha uma filha, *a quem muito amava*.
 (interlocutor de A.L.)

Quanto às relativas em que aparece o morfema *onde*, estas são as únicas encontradas na fala dos adultos investigados neste estudo que realmente podem ser analisadas como ocorrências de relativas padrão em PB oral (cf. exemplos em (15)). Trata-se de relativas locativas, nas quais também seria possível a ocorrência do morfema *que*, caso o falante optasse pela estratégia não-padrão.

- (15)
 a. Seu colega mora naquela casa *onde* eu passei também?
 (interlocutor de A.L.)
 b. Aqui perto deve ter um lugá *onde* a gente compra chocolate.
 (interlocutor de A.L.)
 c. Nessa praia *onde* você foi tinha tubarão? (interlocutor de A.L.)
 d. Aí é perna, *onde* cê tá mexeno (interlocutor de E.)

Os dados avaliados até agora mostram que, de fato, os morfemas relativos reduzem-se basicamente a *que* e *onde* em PB oral adulto. Tal quadro se repete nos dados infantis, nos quais encontramos apenas os morfemas *que* (77%) e *onde* (23%) nas relativas-PP.

As 10 ocorrências de *que* em relativas-PP produzidas pelas crianças

foram casos de relativas cortadoras, como os exemplos em (8a) e (8b) acima e os exemplos em (16) abaixo.

(16)

- a. Tia, esse exercício é o exercício *que* gota mais e fez um. (A.L. 3;2.29)
 b. Não, tia Dida, aquele dia *que* eu pava dormino e você/ e você tocô a pancinha (A.L. 3; 3. 19)

No caso das relativas com *onde* produzidas pelas crianças observamos uma situação curiosa. Nos exemplos de (17) a (19) abaixo, observamos um diálogo entre A.L. e seu interlocutor adulto, em que a criança realiza algumas relativas locativas. Algumas dessas relativas produzidas pela criança revelam dificuldade com a operação de *pied-piping* da preposição. As relativas em (17) e (19) exigem um movimento dos PPs *por ali* (*eu vou pra minha escola por ali*) e *por aquele passeio* (*eu vou pra minha escola por aquele passeio*).¹⁵ Nessas relativas deveria, então, ter ocorrido o *pied-piping* da preposição *por*.¹⁶

(17)

- A.L.: A casa de Kaká! É ali a casa de Kaká *onde eu vô pra escola*.
 Adulto: Han? A casa onde você vai pra escola?! É a casa onde você estuda?
 A.L.: É.
 Adulto: Ah! Que bonito!

(18)

- A.L.: A minha escola é *é/* a minha colega mola lá *onde você passô*.

¹⁵ Nas relativas em (17) e (18), os antecedentes são *ali* e *lá* respectivamente.

¹⁶ De acordo com Móia (1992), haveria dois tipos de morfemas relativos *onde*: um intrinsecamente preposicionado, nos casos em que a preposição envolvida é a preposição *em* (cf. (i)); e outro verdadeiramente preposicional, quando outras preposições estão envolvidas (cf. (ii)). Relativas como os exemplos em (iii) são agramaticais sem o *pied-piping* da preposição, para falantes do PB que não aceitam o uso do *onde* em lugar do *que* em relativas não-padrão.

- (i) A cidade onde ele mora é cercada de montanhas.
 (ii) a. A cidade de onde ele veio é cercada de montanhas.
 b. A estrada por onde ele vai pra casa é perigosa.
 c. Esse é o lugar pra onde eles voltaram definitivamente.
 (iii) a. *A cidade onde ele veio é cercada de montanhas.
 b. *A estrada onde ele vai pra casa é perigosa.
 c. *Esse é o lugar onde eles voltaram definitivamente.

Adulto: É? Lá onde eu passei?

(19)

A.L.: O passeio! Aquele *onde eu vô pra minha escola!* (3;5.0)

Portanto, as relativas em (17) e (19) apareceram num contexto em que o *pied-piping* da preposição *por* ocorreria, se a criança tivesse realizado a estratégia padrão. Esses dados são desfavoráveis à hipótese apresentada por Guasti e Cardinaletti (2003), pois mostram que a aquisição do morfema *onde* não foi garantia do uso da estratégia com *pied-piping* da preposição pela criança. A falta de *pied-piping* nas relativas em (17) e (19) pode ser indício de que o que a criança faz nesses casos é empregar a estratégia não-padrão, com o morfema *onde* sendo empregado no lugar de *que* .

5 Princípios de economia na aquisição de relativas

Lembrando: o problema da aquisição de relativas em PB focalizado neste estudo é: a) aquisição rápida das relativas não-preposicionais, embora pareça não existir no *input* pistas claras de sua estrutura subjacente; e b) dificuldade na aquisição das relativas com *pied-piping* preposicional. A proposta de explicação desse problema, aqui apresentada, baseia-se na hipótese de que, na aquisição da relativização, as opções preferidas são sempre as mais econômicas.

A discussão aqui feita assume que: a) as relativas não-padrão em PB envolvem extração de LD, enquanto as relativas padrão envolvem extração a partir de IP, (cf. KATO; NUNES, 2009); b) o contexto de relativização apositiva é impróprio à ocorrência da estratégia não-padrão (cf. LESSA-DE-OLIVEIRA, 2008); e c) as relativas livres ocorrem também como estratégia não-padrão (cf. LESSA-DE-OLIVEIRA, 2008).

5.1 A relativa de movimento como estratégia mais econômica

Procurando uma explicação teórica para o que foi observado empiricamente — a ocorrência da estratégia de movimento na gramática infantil —, fundamento essa discussão na proposta de Hornstein (2007)

que, retomando a análise de Lees e Klima (1963), propõe que derivações com movimento (compreendido nas condições da teoria de cópia) são mais econômicas do que derivações que recorrem ao uso de pronomes ligados. Com tal proposta, o autor procura defender que pronomes ligados são os últimos recursos usados quando opções gramaticais mais econômicas não podem ser empregadas.

O autor demonstra em seu trabalho que os pronomes são uma espécie de “tapa buraco” no sistema derivacional, empregados quando movimento falha. Dessa maneira, os pronomes podem ser usados, segundo o autor, para “salvar” a derivação em contexto de ilha (cf. (20a) e (20b)); para fazer ligação quando movimento não se fizer suficiente (cf. (21b)); como expletivos para permitir a convergência quando não houver nada mais na numeração (cf. (22)); e para que a derivação sem *pied-piping* possa convergir, em língua que não permitem *prepositional stranding* (cf. (23)). Quando nada disso é necessário, há obrigatoriedade ou preferência pela estrutura com movimento.

(20)

a. John is a person who Mary met someone who admired
*(him)

[John é uma pessoa que Mary conheceu alguém que admirou *(ele)].

b. John is a person who Mary wondered when a portrait of
*(him) would appear in the NYT

[John é uma pessoa que Mary desejou saber quando um retrato de *(ele) apareceria no NYT]

c. John is a person who Mary heard that Frank likes *(him)

[John é uma pessoa que Mary ouviu que Frank gosta *(dele)]

(21)

a. *who₁ you told me that t₁ was kissing a dog

[quem você me contou que estava beijando um cachorro]

b. who₁ you told me that he₁ was kissing a dog

[quem você me contou que ele estava beijando um cachorro]

c. who₁ you told me t₁ was kissing a dog

[quem você me contou (que) estava beijando um cachorro]

d. * who₁ you told me he₁ was kissing a dog

[quem você me contou (que) ele estava beijando um cachorro]

(22) it seems that John_i was told t_i that Mary left
 [(expl.) parece que John contou que Mary partiu]

(23)
 a. Un gars que je me fierais sur lui
 a guy that I rely myself on him
 [um sujeito que eu me fio nele]
 b. ??L'homme que je l'ai vu
 the.man that I him have seen
 [o homem que eu vi ele]
 c. ??La fille qu'elle est venue
 the girl that she came
 [a garota que ela veio]
 (HORNSTEIN, 2007, p. 365-368)

No caso do PB, podemos analisar que, no âmbito da estratégia não-padrão, um resumptivo na posição relativizada de sujeito, em contexto de ilha, salva a derivação (cf. (24)). No caso das relativas de objeto direto, o resumptivo que salva a derivação em contexto de ilha pode ser realizado ou nulo (cf. (25)).¹⁷

(24) esse é [_{DP} o [_{CP} [_{DP} **funcionário**_i [_{DP} **que t_i**]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} o gerente elogiou o negócio que **ele_k** /*t_k fechou]]]]]

(25) este é o [_{DP} o [_{CP} [_{DP} **livro**_i [_{DP} **que t_i**]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} o professor elogiou as pessoas que leram **ele_k** /**pro_k**/*t_k]]]]]

Considerando, portanto, com base em Hornstein (2007), que a operação de movimento é mais econômica que pronominalização, podemos considerar que, pelo fato de a aquisição dar preferência à derivação mais econômica, a criança não encontra problema para adquirir as relativas de sujeito e objeto direto como estratégia de movimento.

A previsão que se pode fazer disso é que a estratégia de relativização padrão deve ser adquirida antes da estratégia não-padrão. Assim, num

¹⁷Essa comparação só pode ser feita no âmbito das relativas padrão porque não temos entre as relativas padrão e não-padrão estratégias comparáveis, pois as relativas padrão e não-padrão partem de numerações diferentes nessa língua se assumimos, seguindo Kato (1993), que a estrutura das relativas não-padrão é a estrutura de LD.

contexto como o das relativas de objeto direto sem envolvimento de ilha, a preferência será para a estratégia de movimento (a padrão).¹⁸ Quanto às relativas de sujeito, estas apresentam um contexto ainda mais favorável à estratégia padrão, uma vez que, como vários estudos mostram (FIGUEIREDO SILVA, 1996; FERREIRA, 2000), não existe resumptivo nulo em posição de sujeito em PB. Com base nessa análise, as relativas de sujeito e objeto direto, que são as primeiras a aparecer e ocorrem abundantemente nos dados infantis, têm presumivelmente a estrutura em (26).

- (26)
- a. [_{DP} o [_{CP} [_{DP} **homem** [_{DP} **que t_k**]]_m [_{CP} C [_{IP} **t_m** lava o pé]]]] (E., 2;3.18)
- b. [_{DP} o [_{CP} [_{DP} **carro**_k [_{DP} **que t_k**]]_m [_{CP} C [_{IP} **vi t_m**]]]] (L., 2; 4.3)

Dessa maneira, a análise feita neste estudo para aquisição das relativas de sujeito e objeto direto se conforma com as análises de Corrêa (1998), Guasti (2002), Guasti e Cardinaletti (2003) e Grolla (2000, 2005), que consideram a hipótese de que essas relativas sejam adquiridas como estratégia de movimento. A análise deste estudo é, em particular, bastante parecida com a análise de Grolla (2005) pelo fato de essa autora considerar que a estratégia de movimento, presente no primeiro estágio, é “presumivelmente uma opção universal” (p. 178). Todavia, a análise aqui feita se distancia da análise dessa autora no que diz respeito à discussão que ela faz para os estágios posteriores.

Conforme essa autora, no terceiro estágio, “quando a criança adquirir *pro*, as lacunas na posição de objeto direto corresponderão a um pronome nulo e a estratégia de movimento não precisará mais ser empregada” (GROLLA, 2005, p. 177). Por que motivo haveria um momento em que a estratégia universal, mais econômica pela proposta de Hornstein (2007), não precisaria mais ser empregada? Dentro do

¹⁸ Lembrando que, nesses dois tipos de relativas não se tem, na estrutura superficial das sentenças, uma pista de que estratégia está sendo empregada. Pela análise de Tarallo (1983), tanto para as relativas de sujeito quanto para as de objeto direto há uma dupla possibilidade de estrutura subjacente — ou se trata de estratégia *gap-leaving* ou da estratégia padrão. Já para Kato e Nunes (2009) essa dupla possibilidade para a estrutura subjacente só ocorre no caso da relativa de objeto direto fora de contexto de ilha, como vimos.

contexto das relativas de sujeito e objeto direto essa análise parece estranha. Mesmo com a aquisição da estratégia não-padrão, evidenciada quando a criança passa a realizar relativas não-preposicionais resumptivas ou cortadoras, como os exemplos (27a) e (27b), nada a impede de continuar empregando a estratégia de movimento em relativas não-preposicionais, como nos exemplos (28a) e (28b).¹⁹

(27)

- a. era uma vez um coelhinho que *ele* pula assim (A.L., 3;3.12)
- b. ó qui negocinho dela que ela qué bincá *pro*, mamãe (L. 2;1.19)

(28)

- a. eu queo vê o cachorro que *t* tá lá bincano com o binquedim (L. 2;1.19)
- b. o peixe que a cozinhera comprô *t* (A.L., 3;5.28)

5.2 A relativa-PP não-padrão como estratégia mais econômica

Vimos acima que, no caso das relativas não-preposicionais, a estratégia mais econômica é a estratégia de movimento a partir de IP (a estratégia padrão). Isto justifica os dados que mostram que as primeiras relativas a aparecerem na fala infantil sejam relativas de movimento a partir de IP. A questão agora é saber por que, no caso das relativas preposicionais (as relativas-PP), a preferência da criança não é também pela estratégia de movimento a partir de IP. Ou seja, que justificativa se pode ter para a preferência pela relativa cortadora em (29a) e (30a) à relativa padrão em (29b) e (30b)?

(29)

- a. essa é a *futa que* [_{LD} t] mais gota *pro* (A.L., 3;2.29)
- b. essa é a *fruta de que* mais gosto t

¹⁹ Uma vez que as estruturas das estratégias padrão e não-padrão não são comparáveis, porque a última se baseia na construção de LD, diferenciando-se da primeira, a criança não encontrará um contexto de alternância *movimento/pronome resumptivo*, envolvendo relativas padrão, quando os pronomes resumptivos realizados e nulos forem adquiridos.

(30)

- a. o *otro cachorro que* [_{LD} t] você viu os dente *pro* (Interloc. de A.L.)
 b. o *outro cachorro cujos dentes* você viu t

Essa questão será aqui analisada com base na hipótese de Roeper (2003) a respeito de princípio de economia na operação de *pied-piping*. A questão para Roeper (2003) é saber como capturar a distinção de gramaticalidade afiada entre (31a) e (31b) ao lado do contraste "mais fraco" de preferência (32b) em detrimento de (32a).

(31)

- a. I wonder who you have a picture of
 [*eu desejo saber quem você tem um quadro de*]
 b. * I wonder a picture of whom you have
 [*eu desejo saber um quadro de quem você tem*]

(32)

- a. a picture of whom did he see
 [*um quadro de quem ele viu*]
 b. who did he see a picture of
 [*quem ele viu um quadro de*] (ROEPER, 2003, p. 4-6)

Com base em Fitzpatrick (2002), Roeper (2003) discute as noções de *Attract*, em (33a), e *Path*, em (33b), na busca de resposta para essa questão.

(33)

- a. *Attract Constituent under C-command* (Atração de Constituinte sob C-comando):

Mova o componente mais íntimo com traço pertinente diretamente para o domínio de checagem do traço.

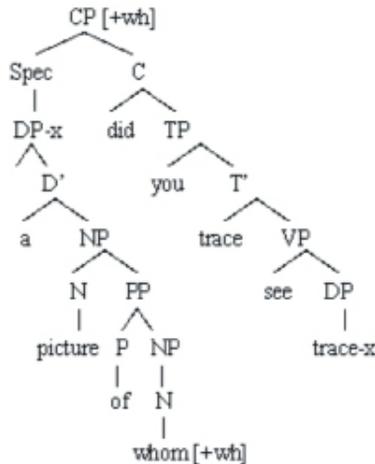
- b. *Path Quantification* (Quantificação de Percurso):

Escolha o percurso mais curto na árvore para satisfazer um traço.

De acordo com essa proposta, a gramaticalidade afiada em (31)

e a preferência por (32b) são capturadas naturalmente pelo espírito de *Attract*, enquanto a gramaticalidade de (32a) pode ser explicada invocando o espírito de *Path*. Assim, *Attract* e *Path* correspondem a fatores diferentes de economia relacionados, de acordo com a análise do autor, a módulos diferentes da gramática. Segundo o autor, movendo um constituinte grande (*pictures of whom*), faz-se um caminho curto, mas não se atrai a categoria mínima (*whom*). No caso de (32a), é necessário que a estrutura do DP movido (DP, D, NP, PP, NP, N) seja transposta para que a *checagem de traço* encontre o traço [+wh] no objeto do PP (*picture of whom*), isto é, encontre o traço [+wh] em *whom* (cf. (34)). Chomsky (1995, p. 268) rotula este processo de *Seek Sublabel* (Busca de Subetiquetas).

(34)

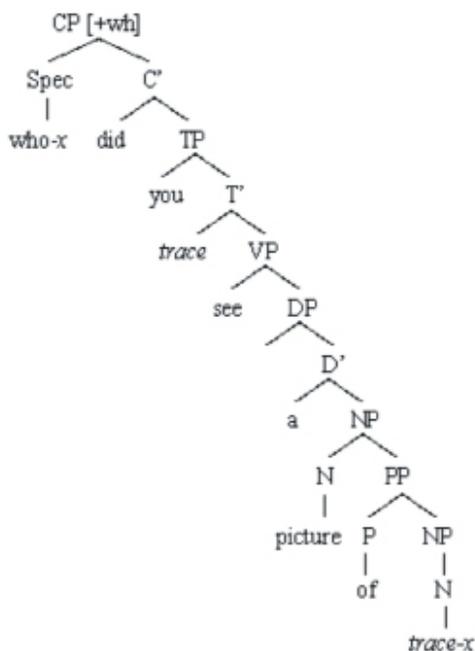


(ROEPER, 2003, p. 5)

A forma alternativa em (32b) requer, conforme Roeper (2003), *Seek Sublabel* mínimo²⁰, porque o traço [+wh] é dominado imediatamente por SpecCP (cf. (35)).

²⁰ *Seek Sublabel* mínimo corresponde à opção para a checagem do traço pertinente, atravessando o menor número de nódulos possível. Essa quantidade mínima de nódulos a serem atravessados pode variar de uma sentença para outra.

(35)



(ROEFER, 2003, p. 6)

Roeper (2003) argumenta que a gramática deve capturar a noção de *Seek Sublabel* como uma parte do sistema de economia, ou seja, para o autor, economia prefere/requer profundidade mínima para a operação de *Seek Sublabel*. Isto explicaria a intuição dos falantes, cuja preferência seria por (32b), isto é, a maioria das pessoas sente, conforme o autor, *a picture of whom did you see* como uma estrutura mais complexa do que *who did he see a picture of*.

Além da questão de preferência do falante, Roeper (2003) mostra que a dificuldade em satisfazer um traço-wh profundo também pode produzir uma diferença de gramaticalidade. É o que se observa no exemplo (31a), em que claramente o traço [+wh] deve ser satisfeito

imediatamente, excluindo-se a opção com *pied-piping* em (31b). Segundo o autor, o módulo semântico estaria sujeito ao impacto de variação sintática. A conseqüência é que simplicidade sintática pode gerar complexidade semântica. Assim, o autor vê nas interferências semânticas no módulo sintático uma razão para que *Attract* estrito não seja sempre obedecido para a operação de movimento-wh. Ou seja, isto explicaria por que existe *pied-piping* se *prepositional-stranding* é uma estratégia sintaticamente mais econômica.

Com relação à questão da aquisição da linguagem, Roeper (2003) considera que, se a análise acima estiver correta, há evidência de que a preferência em aquisição se dá por *Attract* e não por *Path*, se aquisição da gramática se conforma com economia.²¹

Em relação à relativização, essas evidências são contundentes. Como vimos, a aquisição da relativa com *pied-piping* preposicional é preterida tanto em línguas de *pied-piping* obrigatório, como atestam Guasti e Cardinaletti (2003) em estudo do francês e italiano, e Corrêa (1998), Perroni (2001) e Lessa-de-Oliveira (2008), no caso do PB, quanto em línguas que admitem *prepositional-stranding*, como atestam e McDaniel et al (1998) em estudo do inglês.

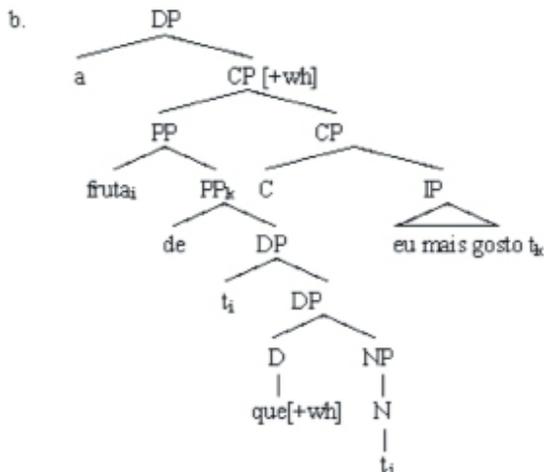
Voltando nossa atenção para a questão da aquisição de relativas-PP em PB, podemos observar que, no contexto da aquisição de relativas-PP, a criança está posta diante duas estratégias de relativização e apresenta preferência por uma delas, como se verifica empiricamente. Tomando a proposta de Roeper (2003), podemos explicar esse fato da seguinte maneira. A gramática deve capturar a noção de *Seek Sublabel* como uma parte do sistema de economia, preferindo ou requerendo profundidade mínima para essa operação, isto é, preferindo o menor número possível de nódulos a serem atravessados na checagem do traço pertinente. Na relativa com *pied-piping* em (36a), há dificuldade para a checagem do traço [+wh] devido ao número de nódulos a serem atravessados — cinco nódulos (PP, PP, DP, DP, D) — para essa operação (cf. (36b)),

²¹ O autor encontra evidência empírica a favor de *Attract* em dados nos quais as crianças fazem inserções não-enfáticas do auxiliar *do* em orações declarativas sem modelos do adulto; e em dados nos quais as crianças apresentariam preferência por C-comando imediato.

semelhantemente ao que ocorre com (32a), conforme a análise de Roeper (2003).

(36)

a. a fruta de que eu mais gosto t



Esta análise indica que há uma dificuldade inerente à operação de *pied-piping*, mesmo em línguas que não apresentam como alternativa a opção *prepositional-stranding*, quando se recorre à *Attract*. Essa dificuldade natural foi evidenciada nos dados aqui analisados através dos exemplos repetidos abaixo, nos quais faltou o *pied-piping* da preposição *por* (*eu vou pra minha escola por ali*; *eu vou pra minha escola por aquele passeio*).

(37)

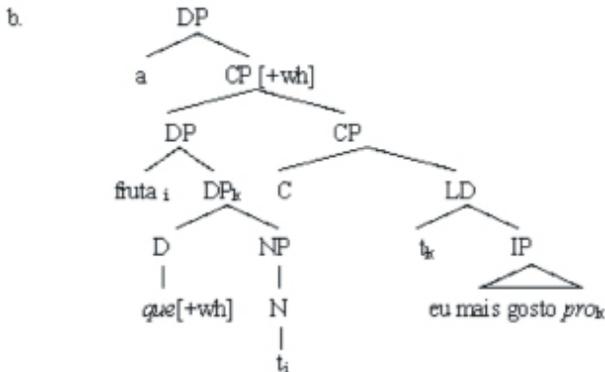
a. É ali a casa de Kaká *onde eu vô pra escola*. (A.L., 3;5.0)

b. O passeio! Aquele *onde eu vô pra minha escola*! (A.L., 3;5.0)

No caso da estratégia não-padrão, em (38b) a seguir, a posição do item com traço [+wh] a ser checado é menos profunda do que em (36b). Computamos, nesse caso, apenas três nódulos a serem atravessados (DP, DP e D). Além disso, uma coisa curiosa pode ser

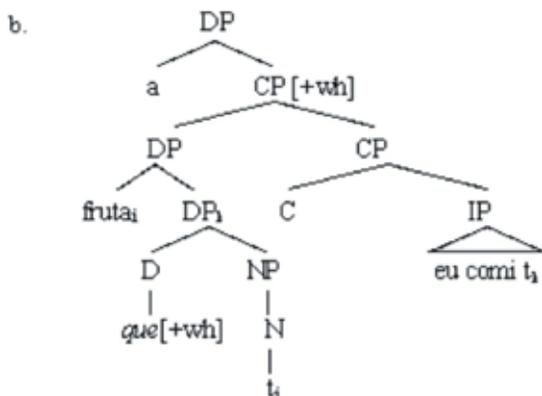
observada entre a estrutura da estratégia não-padrão em (38b) e a estrutura da estratégia padrão em uma relativa não-preposicional como em (39a). O traço [+wh] a ser checado se encontra num nível de profundidade idêntico nessas duas estruturas, com apenas três nódulos a serem atravessados (cf. (39b)). Ou seja, considerando que as relativas não-preposicionais padrão (as de sujeito e objeto direto) são as primeiras adquiridas pela criança, o contexto de checagem do traço [+wh] em relativas preposicionais (OI, Obl e G) não-padrão já é conhecido da criança, pois este é idêntico ao das relativas padrão de sujeito e objeto direto. Em outras palavras, pelo fato de a estratégia não-padrão ter como base a estrutura de LD, esta se torna fácil de adquirir; não pelo que aponta Perroni (2001) — a idéia de que todos os tipos de relativas são adquiridos como relativas de LD —, mas pelo fato de o elemento alçado ser um DP tanto nas relativas de sujeito e objeto direto quanto nas relativas-PP não-padrão.

(38)

a. a fruta que eu mais gosto *pro*

(39)

a. a fruta que eu comi t



6 Conclusão

O problema da aquisição de relativas em PB discutido neste artigo se localiza na existência de dois estados estáveis (S_s) como resultado da aquisição da relativização (as estratégias padrão e não-padrão). As questões levantadas em torno desse problema buscam saber o que leva a criança a uma e à outra estratégia. A hipótese aqui proposta para responder a essa pergunta é que há uma relação direta entre economia e preferência na aquisição da relativização.

Com base nos estudos de Hornstein (2007) e Roeper (2003), apresentei uma discussão a favor da hipótese acima, concluindo que: a) as relativas de sujeito e objeto direto, primeiras relativas encontradas nos *corpora* investigados, são adquiridas como estratégia de movimento; e b) no caso da aquisição de relativas-PP, a preferência pela estratégia não-padrão se deve a uma dificuldade inerente à operação de *pied-piping*, mesmo em línguas que não apresentam como alternativa a opção *prepositional-stranding*.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of Language: its nature, origin and use.** New York: Praeger, 1986.

_____. **The Minimalist Program.** Cambridge: MIT Press.1995.

CORRÊA, V. R. **Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil.** 1998. 164 f. Tese [Doutorado] – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

CYRINO S. M. L. Observações sobre mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). **Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica,** Campinas: Editora da Unicamp; 1993. p. 163-184.

FERREIRA, M. B. **Argumentos nulos em português brasileiro.** 2000. 113 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A Posição Sujeito Em Português Brasileiro:- Frases Finitas e Infinitivas.** Campinas: Editora da Unicamp; 1996.

FITZPATRICK, J. On Minimalist Approaches to the Locality of Movement. **Linguistic Inquiry,** Cambridge, v. 33, n.3, p. 443-463, 2002.

GALVES, C. O objeto nulo e a estrutura da sentença em português brasileiro. In: GALVES, C. (Org.) **Ensaio sobre as Gramáticas do Português.** Campinas: Editora da Unicamp; 2001, p. 73-96. Edição Original: 1989.

GROLLA, E. B. **Aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro.** 2000. 95f. Dissertação [Mestrado em Linguística] - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. Pronomes Resumptivos em português brasileiro adulto e infantil. São Paulo: **DELTA,** São Paulo, v. 21, n. 2, p.167-182. 2005.

GUASTI, M.T. **Language Acquisition.** The Growth of Grammar. Cambridge: MIT Press; 2002.

GUASTI, M. T.; CARDINALETTI, A. Relative clause formation in Romance child's production. **Probus,** Berlim, v. 15, n.1, p. 48-89, 2003.

GUASTI, M. T.; SHLONSKY, U. The acquisition of French relative clauses reconsidered. **Language Acquisition**, New York, v.4, n.4, p. 257-276, 1995.

HARADA, Kazuko. On the Acquisition of Genitive and Locative Relative Clauses. **Research Report**. v. 4. 2000. Disponível em <<http://coe-sun.kuis.ac.jp/public/paper/outside/harada2.pdf>>

HORNSTEIN, N. Pronouns in a minimalist setting. In: CORVER, N.; NUNES, J. **The Copy Theory of Movement**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 2007, p. 351-385.

KATO, M. A. Null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. In: ASHBY, W. *et alii* (orgs.), **Linguistics Perspective on Romance Languages: Selected Papers from the XXI LSRL**. Philadelphia, 1991, p. 225-235.

_____. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica, In: ROBERTS, I; KATO, M. (Org.). **Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp; 1993. p. 223-261.

KATO, M.; NUNES, J. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (Org.) **Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2009. p. 93-120.

KAYNE, R. S. **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge: The MIT Press; 1994.

KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português – uma análise baseada no modelo raising**. 2002. 145 f. Tese [Doutorado] – Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

LABELLE, M. Predication, wh-movement and the development of relative clauses. **Language Acquisition**, New York, v 1, n.1, p. 95-119, 1990.

_____. The acquisition of relative clauses: movement or no movement? **Language Acquisition**, New York, v. 5, n.2, p. 65-82, 1996.

LEES, R.; KLIMA, E. Rules for English pronominalization. **Language**, Washington, v. 39, p. 17–28, 1963.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. **As sentenças relativas em português**

brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição. 197f. Tese [Doutorado em Linguística]. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2008.

McDANIEL, D.; McKEE, C; BERNSTEIN, J. How children's relative solve a problem for minimalism. **Language**, Washington, v. 74, p. 308-364, 1998.

MÓIA, T. **A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português.** 1992. 163f. Dissertação. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

PERRONI, M. C. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 59-79, 2001.

ROEPER, T. Multiple Grammars, Feature-Attraction, Pied-Piping, and the Question Is AGR inside TP? In: MÜLLER, N. (ed.) **(In)vulnerable Domains in Multilingualism.** Amsterdam: John Benjamins; 2003. p. 335-360.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese.** 1983. 273 p. Tese [Doutorado]. University of Pennsylvania, Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

Recebido em 18/05/2009.

Aprovado em 20/07/2009.

SOBRE A AUTORA

Adriana Stella C. Lessa-de-Oliveira é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Professora Ajunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, atuando como docente e pesquisadora nas áreas/temas em Aquisição da Linguagem, Sintaxe do Português Brasileiro e Escrita de Libras (língua brasileira de sinais). É pesquisadora líder do *Grupo de Pesquisa das Estruturas Gramaticais e de Aquisição da linguagem* (UESB/CNPq), é membro do *Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem)* (UESB/CNPq) e do *Grupo de Pesquisa Minimalismo e a Teoria da Gramática* (USP/CNPq). Coordena o projeto do pesquisa “Inclusão de pessoas surdas no mundo letrado: proposta de criação de um sistema de escrita para libras e de métodos de alfabetização em libras e em português para pessoas surdas” (CNPq: processo nº 483450/2009-0).
E-mail: adriana.lessa.de@uol.com.br